



‘Yogi Bear’ e o meio ambiente: uma análise do discurso ambiental presente no longa-metragem ‘Zé Colmeia’.¹

Matheus Albuquerque FORTES²

Matheus Pereira Mattos FELIZOLA³

Universidade Federal de Sergipe, SE

RESUMO

A pesquisa a seguir tem como objetivo analisar o discurso do filme ‘Zé Colmeia – O Filme’ sob o ponto de vista da comunicação ambiental. Tendo em vista que a preocupação para com o meio ambiente passou a ser uma das pautas mais discutidas na mídia, encontros governamentais e acadêmicos, é de se relevar a importância do assunto e seus derivados, no qual se encontra entre eles a comunicação ambiental. Para auxiliar o trabalho feito nesse artigo, foi utilizada a análise do discurso como principal método de pesquisa, objetivando retirar do filme estudado, possíveis mensagens que dialoguem com o ambientalismo. O longa-metragem analisado, apesar de não trabalhar especificamente um aspecto do meio ambiente, pode servir como instrumento para se discutir a questão ambiental como um todo no público infantil, facilitando o aprendizado e o conhecimento do assunto.

PALAVRAS-CHAVES: discurso ambiental, cinema infantil, educação ambiental

1. INTRODUÇÃO

A escolha do filme ‘Zé Colmeia’ se deu por ser um objeto de estudo atual (lançado oficialmente em 2010) e por conta do seu enredo que narra a jornada do personagem-título para salvar da especulação imobiliária o parque ambiental onde mora. Mesmo na obviedade de sua história é possível fazer observações quanto ao discurso que é passado pelo longa-metragem.

O ambientalismo é uma das pautas mais atuais dentro dos veículos de comunicação. Esse *boom* na temática que surgiu ainda no século XIX é fruto de estudos alarmantes

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação e Audiovisual da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de graduação do 7º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFS, email: matheusfortes.maf@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Doutorando em Ciências Sociais pela UFRN, Professor dos Cursos de Comunicação Social da UFS, email: aracaju@infonet.com.br



que apontam para um futuro repleto de dificuldades para encontrar e usar recursos naturais que são fundamentais para a vida humana.

Esta explosão do tema também é associada com o número cada vez maior de catástrofes ambientais, motivadas pelo uso irresponsável dos recursos naturais e tem facilitado o destaque do meio ambiente como um assunto tão relevante como a economia global, tendo sido os dois temas interligados por diversas ocasiões.

Com tamanha importância, a questão ambiental aterrissou nos meios midiáticos sem dificuldade, passando a ser tema de filmes, documentários, matérias jornalísticas e etc, estando em ênfase, mesmo que ela não seja o assunto principal desses produtos de mídia. É nesse meio onde se encontra o filme ‘Zé Colmeia’, além de muitos outros.

Este trabalho conseguiu achar no longa-metragem diálogos que o caracterizam como um produto midiático a ser usado como ferramenta para se discutir a causa ambiental. Espera-se que a partir desse artigo, outros filmes infantis possam passar pelo mesmo processo de análise, procurando-se verificar as formas de abordar as mais diferentes temáticas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O CINEMA INFANTIL COM TEMÁTICAS MADURAS

O cinema infantil tem como público principal as crianças de até 12 anos de idade. Isso não quer dizer que os filmes voltados para elas trazem temáticas exclusivas para as mesmas. Esse gênero está livre para tratar dos temas mais diversos, mesmo que estejam entranhados no enredo. Por vezes, a temática é apresentada através de metáforas que o público-alvo possa identificar mais facilmente. No entanto, isso não é uma regra. Há filmes que preferem explorar um tema específico de forma objetiva, mesmo que utilize uma linguagem mais acessível (que não a metafórica) para fazer compreender sua mensagem.

A prática de trazer um tema persistente, independente de sua faixa etária, já é muito explorada no cinema infantil. A façanha de cineastas para tratar de aquecimento global,



sexualidade, deficiência física, amadurecimento, capitalismo entre outros, dentro de longas-metragens voltados para crianças, pode ser algo não tão recente, mas ainda assim incomum. Nos Estados Unidos principalmente, há de se ter um cuidado especial na abordagem de certos assuntos. A Motion Picture Association of America (MPAA), associação fundada em 1922 e entidade responsável por definir a faixa etária dos filmes que são exibidos em solo americano, é bem criteriosa e pequenos detalhes são justificativas para uma classificação etária mais elevada.

Dessa forma, as animações são o tipo de filme cuja a técnica se mostrou a melhor para se trabalhar temas que exigem maior maturidade do seu público. Não que isso fique restrita às animações, até porque este artigo explora um longa-metragem de meio termo protagonizado por atores reais e artificiais. Filmes como *Wall E*, *Carros*, *Happy Feet – O Pinguim*, a trilogia *Toy Story*, *Procurando Nemo* e *Mulan* conseguem explorar suas respectivas temáticas de forma simples, sem comprometer o entendimento do filme, seja com o adulto ou a criança. Quanto ao filme a ser analisado nesse artigo, este não usa de artifícios complicados, apenas caricaturas que podem ser facilmente identificadas como ficará esclarecido mais adiante.

3.2. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL INFORMAL

A agressão humana ao meio ambiente tem sido uma pauta que nasceu tímida nos diversos veículos de comunicação, por essa ser ‘justificada’ com o progresso, com as novas descobertas da ciência e a suposta melhoria na qualidade de vida da população. A palavra ‘justificada’ aparece entre aspas porque isso nunca chegou a ser comprovado de fato. É verdade que a tecnologia conquistava espaços cada vez maiores e propiciava uma vida consumista aparentemente inofensiva, mas, não havia preocupação eminente em relação à exploração dos recursos naturais.

Mesmo assim, os poucos estudos que estavam em andamento apontavam para um futuro pessimista em relação ao meio ambiente, que traria consequências diretas para a população. Visando retardar o desgaste ambiental (já que parar por completo é impossível), várias entidades passaram a investir em um modelo de educação capaz de conscientizar a população dos perigos de degradar o meio ambiente, e as formas de preservá-lo.



Alguns teóricos, como Sorrentino (2005), defendem que o uso bem-sucedido da educação ambiental representa uma mudança no pensamento social, interferindo politicamente na região onde ela é utilizada.

A educação ambiental trata de uma mudança de paradigma que implica tanto uma revolução científica quanto política. A educação ambiental, em específico, ao educar para a cidadania, pode construir a possibilidade da ação política, no sentido de contribuir para formar uma coletividade que é responsável pelo mundo que habita. (SORRENTINO, 2005, p. 287)

Abreu (2008) complementa esse raciocínio ao propor que “a Educação Ambiental seja um processo de formação dinâmico, permanente e participativo, na qual as pessoas envolvidas passam a ser agentes transformadores, participando ativamente da busca de alternativas para a redução de impactos ambientais e para o uso sustentável dos recursos naturais”. (ABREU, 2008, p. 10). Ou seja, a partir do momento que as coordenadas lhe forem passadas, esta pessoa poderá incorporar o que aprendeu em seu cotidiano, e passar o aprendizado adiante.

Segundo Castro (2004), a educação ambiental pode ser dividida entre a *formal* e a *informal*, no qual a primeira está associada ao processo institucionalizado que ocorre nas unidades de ensino pública e privada, englobando a educação básica e infantil; os ensinos fundamental, médio e superior; a educação especial e profissional e a de jovens e adultos.

Enquanto isso a *informal* pode-se entender como sendo as ações práticas e educativas que objetivam sensibilizar de forma coletiva sobre as questões ambientais e organizar a sociedade para que ela participe diretamente na defesa da qualidade do meio ambiente. A educação ambiental informal se entende por sua realização fora da escola, envolvendo métodos e conteúdos flexíveis, além de um público-alvo mais variável, sem especificidade de faixa etária, nível de escolaridade, nível de conhecimento sobre a problemática ambiental e etc (CASTRO, 2004).

3.3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CINEMA



Zé Colmeia – O Filme, embora seja claramente um filme voltado para o puro entretenimento, possui em seu enredo um claro apelo à proteção do meio ambiente. Isso não chega a ser uma novidade na História do Cinema, visto que as preocupações para com o futuro da humanidade e esgotamento dos recursos naturais do planeta têm servido de base para a indústria cinematográfica produzir uma série de filmes sobre o assunto, alguns deles muito populares como *O Dia Depois de Amanhã*, *Twister* e o já citado *Happy Feet*. Longas-metragens mesmo não tratando especificamente do tema, chega a usar um acontecimento de catástrofe ambiental como plano de fundo para a trama, como por exemplo: os estragos do furacão Katrina na costa dos EUA em *O Curioso Caso de Benjamim Button* e a tsunami que assolou localidades da Indonésia em *Além da Vida*.

Pode-se perceber que em vários filmes catástrofes, o ‘herói’ é justamente aquele que tenta evitar ou alertar a possibilidade de um desastre, mas em vão. Cada vez mais, isso leva a crer que ser ambientalmente correto passou a ser uma moda dentro do cinema hollywoodiano. Filmes que incentivam um diálogo contrário dificilmente conseguem o mesmo respaldo e correm o risco de serem esquecidos com o tempo.

Os filmes que abordam o meio ambiente (e, principalmente a preocupação para com este), são potencialmente instrumentos que incentivam à discussão e à pesquisa, mostrando que sua vida se prolonga após sair das salas de exibição comerciais. Serra (2008) introduz isso muito bem essa questão ao afirmar que conhecimento é uma das formas que o ser humano dispõe para se apropriar do mundo e da realidade em sua volta, podendo adaptá-la e transformá-la de acordo com suas necessidades, de forma a construir um mundo melhor em que todos possam se realizar e viver plenamente.

Logo, pode-se deduzir que tal conhecimento e a apropriação da realidade tenham um significado. Eles são baseados em uma necessidade de mostrar a realidade, mesmo que em alguns pontos deturpada. A catástrofe vista em *O Dia Depois de Amanhã* mesmo é uma criação artificial que une elementos da realidade com outros criados através da computação gráfica. Como exemplo notório, há a cena no qual o letreiro de Hollywood é destruído por um tornado. O objetivo é causar uma reação ao espectador. Um choque que é seguido de uma reflexão sobre aquilo que acabou de assistir.



Luvielmo (2011), explora isso muito bem na afirmação a seguir:

É pensando nos discursos midiáticos que vêm nos constituindo em sujeitos preocupados com a sustentabilidade do planeta que considero a mídia um dos discursos mais potentes que compõem o dispositivo da educação ambiental. Penso que através das suas ferramentas, a mídia consegue abranger muito rapidamente um grande número da população num espaço de tempo mais curto.[...] A partir das discussões realizadas nesta seção, entendo que a educação ambiental pode ser entendida como um dispositivo de seguridade na sociedade atual. Ela carrega em seus discursos políticos, legais e midiáticos, ditos que seguem constituindo e interpelando os sujeitos neste tempo que se volta às necessidades de preservação e prevenção ambiental. São com esses discursos que a educação ambiental vêm ganhando espaço. É diante das urgências históricas que a educação ambiental se torna assunto emergente nos mais diversos segmentos sociais, tendo por objetivo conduzir a sociedade para pensar na crise ambiental vivida por nós, habitantes do século XXI. (LUVIELMO, 2011, p. 57-58)

Embora Luvielmo (2011) defenda o uso da mídia como um todo, procurou-se trabalhar neste artigo o cinema, por entender que este possui a função de transmitir uma mensagem direta assim como outros instrumentos midiáticos. Alguns filmes infantis podem servir de base para a educação ambiental. Isso acontece pela sua linguagem acessível capaz de influenciar seu público-alvo. O longa-metragem *Zé Colmeia* possui ferramentas para tal, mas, antes de abordá-lo, será apresentado de que forma este artigo se dispôs a fazê-lo.

3.4 ANÁLISE DO FILME

O filme ‘Zé Colmeia’ é uma produção norte-americana lançada oficialmente em 2010 pela Warner Bros. Pictures. Dirigido por Eric Brevig, o filme conta a história do urso Zé Colmeia e seu parceiro Catatau que moram no parque ecológico Jellystone e vivem roubando a comida dos visitantes que por lá aparecem e sendo repreendidos pelo chefe Smith da guarda florestal, logo em seguida. A rotina muda quando a documentarista Rachel Johnson chega ao parque para filmar as belezas naturais presentes, usando a rotina dos ursos como destaque. Paralelamente, o prefeito da cidade decide fechar o espaço ecológico, alegando que a área traz muitos prejuízos financeiros. É quando o guarda Smith e a documentarista recém-chegada entram em ação para tentar salvar Jellystone, com o auxílio da dupla principal.

Em primeiro lugar é preciso se fazer uma comparação com os personagens vistos no filme, e os originais que serviram de base para se fazer o longa-metragem. Zé Colmeia (ou The Yogi Bear Show), é um desenho animado criado pela empresa Hanna-Barbera em 1958, que acompanha as aventuras do personagem-título (o urso com características humanas Yogi) e seu parceiro Catatau (Boo Boo, é seu nome original) para roubar o lanche dos visitantes do parque Jellystone, onde vive a dupla. Porém, o Guarda Smith (ou Ranger Smith), chefe da guarda florestal sempre aparece para tentar frustrar os planos dos ursos e manter a ordem no parque.

Essa é a característica principal do desenho animado que é mantida até certo ponto da trama no filme. As semelhanças param a partir do momento que a estória segue trajeto diferente: o perigo de o parque ser fechado e a união de forças entre Yogi e Boo Boo, com o Ranger Smith para salvar a moradia dos ursos. Tal elemento, não ocorre ou não é comum de ocorrer na banda animada, onde a dupla principal e Smith são antagonistas declarados. Esse dado dependeria de uma análise mais profunda do desenho animado, o que não é a pretensão desse artigo. No caso do filme, esse papel é reservado ao prefeito Brown, como fica comprovado logo na primeira cena em que o personagem aparece.

É importante salientar que o principal ambiente onde se passa o desenho, Jellystone, é uma clara referência ao Parque Nacional de Yellowstone. Inaugurado em 1872 e cobrindo uma área de aproximadamente, 8.980 km², Yellowstone é o parque ecológico mais antigo de mundo, e está localizado em sua maior parte, na região noroeste dos Estados Unidos. Se caracterizando guardar em sua região uma rica diversidade vegetal e animal, o Parque Nacional é um precioso espaço de preservação ambiental, sendo designado Patrimônio Mundial pela UNESCO em 1978.

Apesar de ter como protagonista, o urso Zé Colmeia, o papel de principal defensor do meio ambiente cabe ao Ranger Smith, quando este, por exemplo desabafa ao prefeito Brown que *‘Jellystone é um dos poucos lugares onde as famílias podem conviver com a natureza’*, terminando por dizer que *‘o mundo precisa disso’*. Mas a frente, somos apresentados ao parque Evergreen (*‘Sempre Verde’*), cujo o nome é uma incrível ironia: o parque nada mais é do que uma simples praça com árvores poluídas, localizada no centro nervoso da cidade, onde pode-se ver muitos carros e construções de prédio. Ao ser questionado pelo prefeito se está gostando do parque, Smith responde que *‘Mal*



pode-se respirar por aqui’, em uma clara referência ao local onde o guarda trabalhava anteriormente, Jellystone.

Na mesma cena, Smith questiona o prefeito sobre como este vai convencer a população de que fechar o parque ecológico vai trazer prosperidade à cidade. Brown então responde que *‘há um grande interesse agrícola no parque e isso é muito mais lucrativo do que gente em acampamentos fazendo fogueiras’*. Mais tarde, Smith descobre que tal ‘interesse agrícola’ nada mais é do que o desmatamento do parque. Nessa fala, pode-se chamar a atenção na palavra ‘lucrativo’, que rege praticamente todos os interesses do prefeito. Centrado somente em sua ambição por ‘poder’, o Prefeito Brown quer se candidatar a governador do estado, e usa de todas suas ferramentas para fechar Jellystone para fins imobiliários, acreditando que esta será a medida chave para ganhar as eleições.

No entanto, a cena mais interessante de todo o filme não é aquela onde personagens defendem publicamente o meio ambiente, mas sim onde os ‘vilões’ são apresentados à trama. O Prefeito Brown e o Chefe de Estado discutem como recuperar a cidade da falência. Agindo sem qualquer seriedade durante o diálogo, como se a administração da cidade fosse o menos importante para as duas autoridades, ambos vão aos poucos relatando as ‘ações’ da prefeitura, que dizem respeito a vender quartéis de bombeiros à empresas de iogurte congelado e campos de golfe à especuladores, além de transformar um Lago natural em aterro de lixo. Logo após, o Chefe de Estado menciona: *‘Se não temos mais o que vender, podemos tirar lucro do que não se pode vender’*, o que vai levar o raciocínio ao Parque Jellystone. Novamente o ‘lucro’ se destaca em uma frase dita pelos antagonistas.

Aliás, o fato do Prefeito e o Chefe de Estado estarem contra os protagonistas, leva o público a menosprezar não só o personagem em si, mas suas motivações. Como o desmatamento de Jellystone implicará em uma má consequência para Zé Colmeia e Catatau, o público é levado a torcer para que o Prefeito seja impedido de fechar o parque. Algo que não é difícil já que o vilão se comporta de forma egoísta e falsa por todo o filme.

4. METODOLOGIA



Visando decodificar uma ou mais mensagens pró-ambientais inseridas no filme que se tem como principal objeto de estudo, procurou-se usar de um método apropriado para esse tipo de atividade, que é a *Análise do discurso*. A escolha desse método pode ser justificada por ser a mais apropriada para a principal proposta desse artigo que é extrair o discurso ambiental do longa-metragem ‘Zé Colmeia’.

Em primeira estância foram feitas leituras das diversas bibliografias que tratam de temas semelhantes ao que está sendo abordado aqui. Isso foi feito para se ter uma relativa ideia de como o discurso ambiental contido em produtos midiáticos estão sendo trabalhados em artigos científicos. Logo em seguida, assistiu-se o filme-objeto, pela primeira vez, como espectador comum, sem fazer pausas ou voltando a uma cena específica. Procurou-se então fazer a segunda sessão do longa, dessa vez como observador, não se privando de fazer pausas, ou retornar a uma cena que chama que merece uma análise mais detalhada.

Quanto ao método em si, foi escolhido a forma de trabalho descrita por Manhães (2005). O autor trabalha o método primeiro em uma apresentação do discurso em si, no qual faz uma descrição muito interessante:

“A noção de discurso é uma consequência da premissa hermenêutica de que a interpretação do sentido deve levar em conta que a significação é construída no interior da fala de um determinado sujeito; quando um emissor tenta mostrar ao mundo para um interlocutor, numa determinada situação, a partir do seu ponto de vista, movido por uma intenção.[...] Como analisar significa dividir, a análise do discurso é, na verdade, a desconstrução do texto em discursos, ou seja, em vozes. A técnica consiste em desmontar para perceber como foi montado.” (MANHÃES, 2006, p. 305-306)

Logo após, Manhães (2006) divide e o classifica em análises *francesa e inglesa*, o discurso presente na *conversação*, suas *marcas* (indicadores), e o discurso convertido na *ação*. Para esse artigo, escolheu-se trabalhar com a análise francesa e a ação, por serem essas as principais bases que se sustentam o filme analisado.

A análise francesa caracteriza-se pela ênfase no assujeitamento do emissor. Esse incorpora discursos sociais já instituídos, exemplo: os discursos religiosos, científicos, jornalísticos, corporativos ou, como é o caso desta análise, o discurso ambiental. (Manhães, 2006). Já a ação, ou a instância acional, define que toda comunicação é uma



ação simbólica e social, concomitantemente (Idem). Como poderá ser conferido mais adiante, o filme ‘Zé Colmeia’ é um emissor que tem a finalidade de passar mensagens específicas para o receptor, que é, no caso, o espectador.

A análise do discurso produz um conhecimento através do seu próprio objeto, que é o discurso como tal. Enquanto isso, o discurso em si, é apresentado de forma que se pode observar a relação entre linguagem e ideologia (Orlandi, 1994). Essas duas vertentes, embora tenham origens específicas, estão interligadas. A ideologia depende de uma forma de linguagem para vir a tona, e esta se apresenta na forma do discurso. A análise utiliza-se do discurso como lugar específico para estudar a ideologia presente neste.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

‘Zé Colmeia’ não defende diretamente o meio ambiente. O filme está muito mais voltado ao entretenimento sadio, sem compromisso específico com a causa ambiental. Isso não quer dizer que o longa-metragem ignore por completo o meio ambiente. Para que seu público identifique mais facilmente os heróis e vilões da trama, estes são apresentados de forma bem expositivas, sem gerar dúvidas no público-alvo.

O longa-metragem analisado faz parte de uma parcela de filmes que faz referências positivas ao meio ambiente, mostrando os benefícios da preservação e associando-o à causa dos personagens principais, sem o aprofundamento do tema.

A mensagem passada pelo filme, obviamente em prol do meio ambiente, pode fazer deste produto midiático uma ferramenta para se trabalhar a questão ambiental em sala de aula com a classe infantil, já que é deste público especificamente ao qual o longa se aproxima. Através de exemplos simples, a poluição, o desmatamento e espécies ameaçadas de extinção podem ser temas de discussão, de uma maneira que os jovens estudantes adquiram conhecimento facilmente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Angelica Alves de. *Educação Ambiental Informal: Um estudo de caso*. Belo Horizonte, MG. 2008



- BONA, Rafael José. *A educação ambiental no filme dos Trapalhões*. Itajaí, SC. 2008.
- CASTRO, Valquíria Oliveira de. *Educação Ambiental Formal e Informal*. Canoas, RS. 2003.
- INTERNET MOVIE DATABASE - < <http://www.imdb.com/title/tt1302067/>> - Acessado em 3 de julho de 2011.
- LUVIELMO, Marisa de Melo. *Educação Ambiental, Cinema e Biopoder: Uma discussão possível*. Rio Grande, RS. 2011.
- MANHÃES, Eduardo. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Editora Atlas. 2006.
- MOTION PICTURE ASSOCIATION OF AMERICA - < <http://www.mpa.org/>> - Acessado em 25 de junho de 2011.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso, imaginário social e conhecimento*. Brasília, DF. 1994.
- SERRA, Glades M. Debei. *O Meio Ambiente retratado em filme: uma análise corporativa entre ficção e documentário*. Curitiba, PR. 2008.
- SORRENTINO, Marcos. *Educação ambiental como política pública*. São Paulo, SP. 2005.
- YELLOWSTONE NATIONAL PARK - < <http://www.nps.gov/yell/index.htm>> - Acessado em 3 de julho de 2011.
- YOGI BEAR @ THE CARTOON SCRAPBOOK - <<http://www.cartoonscrapbook.com/Y/yogibear1958.htm>> - Acessado em 24 de junho de 2011.

7. REFERÊNCIA FÍLMICA

- BREVIG, Eric. *Yogi Bear*. Estados Unidos, 2010.